



## Não basta mudar o sistema



**João Cardoso Rosas**  
Professor universitário

Somando a abstenção (47,4%) e os votos brancos (3,9%) e nulos (2,9%) chega-se à percentagem de 54,2. Se acrescentarmos à conta os 6,9% dos candidatos independentes chega-se à conclusão que os partidos contam cada vez menos. O PSD é o mais penalizado: sofreu uma hecatombe em termos de perda de

votos. Mas os outros partidos também viram diminuir o número de votantes face aos actos eleitorais anteriores.

Não é uma surpresa. Afinal de contas, há muito que alguns avisam para a diminuição da confiança na democracia. Os estudos de opinião disponíveis mostram que a maioria dos portugueses ainda prefere o regime democrático. Mas existe um cansaço evidente em relação aos principais protagonistas da vida política, a começar pelos partidos. Os dados eleitorais, assim como a percepção subjectiva dos cidadãos devidamente medida em estudos de opinião, confirmam a “vox populi” anti-política.

Já se sabe qual é a conversa que se segue a esta constatação: é necessário mudar o sistema político, nomeadamente o sistema eleitoral, de modo a cativar os eleitores e reforçar a democracia. Não digo que esta conversa não seja importante – ela é relevante e já é feita há muitos anos em Portugal, nas universidades e não só.

Há muitas possibilidades no mercado das ideias: tornar o sistema eleitoral maioritário em círculos uninominais, ou então manter o sistema proporcional mas permitir listas abertas a nível regional, juntamente com listas fechadas

nacionais (o sistema alemão), etc.; tornar o voto obrigatório; alargar o direito de voto aos 16 anos; diminuir o número de assinaturas exigidas para as iniciativas legislativas populares, e por aí adiante.

Mas estas possibilidades, quer requeiram uma revisão constitucional ou não (a maior parte delas não requer), têm sempre esbarrado na capacidade dos partidos para se entenderem. Difícilmente a conversa – já muito requeitada – produzirá algo de visível.

Mas há mais: as mudanças no sistema político em geral e no sistema eleitoral em particular não vão produzir os milagres que alguns esperam. A razão é simples: a crise do nosso sistema político não se deve tanto às regras que o definem como à sua capacidade para gerar resultados em termos de bem-estar e justiça social. Ou seja, enquanto houve crescimento económico e melhoria das condições de vida das classes médias e baixas, o sistema justificava-se pelos resultados e os dados de insatisfação com ele não eram alarmantes. Agora é diferente, como sabemos.

Assim, mais do que pensar, ou mais do que pensar apenas, na modificação de algumas regras do processo político, temos de reverter o caminho de empobrecimento e desigualdade social gerado pelas políticas públicas actualmente em curso. ■

**O sistema justificava-se pelos resultados e os dados de insatisfação com ele não eram alarmantes. Agora é diferente, como sabemos.**

Paula Nunes

As mudanças no sistema político em geral e no sistema eleitoral em particular não vão produzir os milagres que alguns esperam.

